

38 77
Leandro Gomes de Barros

AS PROEZAS

DE

ANTONIO SILVINO

OS CALCULOS

DE

Antonio Silvino



A' VENDA

N. 3 — Becco do Souza — N. 3

RECIFE

1908

As proezas de Antonio Silvino



Eu como já estou perdido
Minha vida não tem geito
Vou mesmo com a desgraça
Que d'ella tiro o proveito
Com ella já não espanto
Da desgraça almoço e janto
Com ella como e me deito.

Na Parahyba do Norte
Eu sou vigario collado,
No Rio Grande do Norte
Eu sirvo de advogado,
Em Pernambuco eu sou tudo,
Lá já fiz fallar um mudo
Fiz correr um aleijado.

Eu hoje podia ser
Um distincto cavalheiro
Mas a justiça faltou-me

Devido a não ter dinheiro,
Meu pae foi assassinado
Eu para me ver vingado
Fiquei sendo cangaceiro.

Eu achei um desafôro
E uma falta de acção
Um cabra matar meu pae
E nem dar satisfação,
Matei e o fiz em postas
Abri elle pelas costas
Arranquei-lhe o coração.

Então desse tempo em diante
Pegaram a me perseguir
Eu que me vi desgrnçado
Não tinha mais que fugir,
Fiz trincheira do sertão
Acochei o páo na mão
E bato emquanto bulir.

Le cabra falso e chaleira
Eu delle não tenho dó,
Tenho machucado a pés
Que se perde até o pó;
Quando estou de cara feia
Tenho dado surra de peia
Que a peia fica sem nó.

De forma que aqui ha homens
De alta cathegoria
Esses me rendem homenagens
Me tratam com cortezia,
Ainda na minha ausencia
Meu nome tem continencia
E honra de fidalguia.

Eu faço velho usurario
Perder amor a dinheiro
Já tenho feito rasgar-se
Patuá de feiticeiro,
A tudo tenho dado cabo
Já tenho amançado brabo
Que fica como um cordeiro.

Porque no lugar que eu passo
O outro duro não faz rancho,
Se fizer pela manhã
A tarde eu vou e desmancho,
Elle ~~o~~ corre ou vae embora
Pode olhar mais é de fora,
Não vae ~~em~~ puchado a gancho.

Quando eu pego um cangaceiro
Tiro-lhe o nó da guella
O figado sae pelas costas,
O bofe pela canella,
As tripas pelo pescoço

O sangue que sae é grosso
Que parece cabidella.

A ligeireza que eu tenho
Está muito acima de gato,
Cobra, veado e tatú
Perdem commigo no matto.
Homem nenhum me dá fim
Porque perseguir a mim
E' jogar leite de pato.

Existem diversos santos
Com quem temho me pegado
São Ligeiro, São Esperto,
São Corredor, São Cuidado,
São Dorme Pouco, São Forte,
Não gosto de Santa Morte
Reso a São Desconfiado.

Perdi um official
De raça muito cruzada,
Grande falta me tem feito
Meu ajudante Cocada,
Este era bravio e fiel
Brincava com cascavél
Quando ella estava assanhada.

Nós estavamos em um fogo
E teve uma occasião

Que a balla furou-lhe o buxo
Botou-lhe o fato no chão,
Foi sangue que encheu tres pipas
Elle ahi tirou as tripas
E fez dellas cinturão.

Então tirou uma embira
E deu tres pontos no buxo
Dizendo fiquei maneiro,
Posso aguentar repuxo,
Posso correr bem no matto
Esse negocio de facto
Não vem a ser mais do que luxo.

Ahi gritou para a força
A fortuna aqui amarga
A felicidade fede,
A paz para mim é praga
Já v'ha ensanguentado
Estava comendo um soldado
E dizendo a praça está magra.

Ahí deram-lhe outro tiro
Fm cima do coração
Pelo buraco da bala
O bofe cahio no chão
Elle disse essa pinoya

Me trouxe agora uma boia
Que eu tinha até precisão.

Então apanhou o bofe
Dizendo tem meia libra
Não ha mais nada que mate-me
Nem qualquer ferro me vibra,
Quando acabar-se a campanha
Com este pego piranha
No rio da Parahyba.

Mas alguém já me tem dito
Que o governo acceita paz
Eu vou ver como me dizem
Quero ver elle o que faz,
Primeiro vou preparar-lhe
Prevenir-me, segurar-me
Que a couza aqui está demais.

Se fizerem paz commigo
Deixo de ser cangaceiro
Planto fava, crio bode
A mim não falta dinheiro
Boto o cangaço n'um carão
Cobro imposto mais não tanto
Fica o imposto maneiro.

E' o que tenho a fazer
Se o plano não fôr errado

Pois o governo acceitando
Fica o Brasil descansado
Meu braço é pesado e forte
Eu sou um mestre de morte
Trágo tudo amedrontado.



Os calculos de Antonio Silvino

Leitores, me resolvi
Agora mudar de assumpto;
Tenho crime ha treze annos,
Já tenho soffrido muito,
Sendo que ninguem me offenda,
Eu acabo até a tenda,
Não faço mais um defuncto;

Vou escrever para o Rio
Ao governo federal,
Vou fazer mais outro officio
Ao governo estadual,
Conforme seja a resposta,
Eu faço outra proposta
Aqui ao municipal.

Tambem se elle não quizer,
Eu pego a vida de novo;
Esta vida para mim
Tem menos que um ovo.
Não reservo nem meu pai...
Nem o Lopes em Paraguay
Causou tanto mal ao povo.

Preparo meus cachorrinhos
E grito: rapazeada,
Defuncto é minha lavoura,
Esse rifle é minha enxada...
A chuva é esse facão,
Eu sou filho do sertão,
Nunca errei uma caçada.

Porque no logar que eu ando
Tudo alli fica valente;
Preá insulta cachorro,
Carneiro fica imprudente,
Macaco briga de fouce,
Cururú mata de couce
Lagartixa engole gente.

Eu tenho seis cangaceiros
Todos são bem escolhidos,
Tirados mesmo por mim
De grupos bem conhecidos.
São seis leões muito fortes,
Seis machinas de fazer mortes,
Seis fupdições de gemidos.

O primeiro é um caboclo
Sem dentes, bocca de folle,
A bala do rifle delle
Acha toda pedra molle...
Esse se vendo em perigo

Pega qualquer inimigo
E antes de matar engole.

O segundo é um mulato,
De cabelo um tanto grosso,
Tem cincoenta e seis annos,
E força de um homem moço.
Mata o inimigo sorrindo,
Tira o figado inda bolindo,
Nem bota sal, come ensosso.

O terceiro é um rapaz,
Sua testa é um rochedo.
Esse quando está damnado,
A todo mundo faz medo.
Fica tão enfurecido,
Que bebe chumbo derretido,
Em vez de café bem cedo.

O quarto é um guagirú,
Do nariz achamurrado
Os beiços grossos e roxos,
E o olhar muito espantado.
Não ha piedade nelle,
Até o proprio pai delle
Foi por elle assassinado.

O quinto é um rapazinho,
Muito brando no falar,

Que mata sem fazer sangue,
Engole sem mastigar,
Esse de nada faz conta,
O rifle delle onde aponta,
Mata antes de atirar.

O sexto é um homem alto,
Tem um tropeço na fala
Diz que, quando está em paz,
Sente saudade de bala.
No dia em que elle gagueja
O rifle delle troveja
Que só um raio quando exhala.

E eu, o povo já sabe,
Qual é a minha vidinha,
Quando estou azucrinado,
Tiro o punhal da bainha,
Boto o rifle na agulha
Ahi o tempo se embrulha
E sei que a victoria é minha.

O capitão José Augusto,
Desejava me colher;
Pelejou, porem, não pode,
A paixão satisfazer...
Cercou-me com mil parollas
Trocemos balas seis horas,
Fugi sem ninguem me ver.

Parece ser uma fabula
O ataque do surrão,
Cento e vinte nove praças
Vinham nessa ocasião.
Um alferes e um tenente,
Vinham especialmente
A' minha capturação.

Podiam ser 8 horas
Quando a casa foi cercada;
O capitão Angelim
Gritou-me da recta-guarda:
Aqui ninguem lhe soccorre,
Você hoje é preso ou morre,
Das duas veja a que agrada.

E eu lhe disse, capitão,
Preso, ninguem me leva...
Pois eu não sou flor de couve,
Que alguém me bote em conserv...
Meu rifle tambem tem bala,
Que quando a agulha estala
Derriba, mata ou entreva.

O capitão José Augusto,
Gritou-me de lá de fóra,
Atire como quizer,
Que você não vae embora,
Prepare o rifle e se afunde.

Hoje não é no Fagunde,
Chegou tambem suá hora.

Respondi-lhe, capitão,
Minha hora não chegou,
O futuro é uma cousa,
Que nunca se calculou.
Faça tudo que puder,
Guarneça como quizer,
E veja depois se não vou.

E disse com os seus botões,
Se morrer, morro lá fóra...
O futuro a Deus pertence,
O homem morre na hora;
Atirei na sentinella,
Pulei por uma janella,
Na fumaça fui embora.

O capitão José Augusto,
Disse ao alferes Paulino,
Não ha outro cangaceiro,
Sagaz, ligeiro e tão fino,
E disse: —estou convencido,
E' um trabalho perdido
Perseguir Antonio Silvino.

Outra luta desmarcada.
Tive eu no Trapiá,

Ainda hoje se vê
Sangue nas pedras de lá...
Portas, paredes furadas,
Propriedades queimadas,
Num seculo se falará.

Havia no Trapiá,
Um inspector atrevido,
Dava em uns, matava a outros,
D'alli era o mais temido,
Disse que se eu fosse lá,
De hora em diante o Trapiá,
Ficava mais conhecido.

Um dia, casualmente,
Entrei no tal povoado,
Não quiz entrar com o grupo,
Deixei tudo acautellado...
E disse, rapazeiada
Se virem qualquer zuada
Corram lá que eu estou cercado.

Entrei, cheguei numa venda,
Sentei-me até descuidado,
Chegou o tal inspector,
Se dirigiu ao meu lado...
Perguntou o meu destino:
—O senhor é o Silvino?
Respondi-lhe:—um seu criado...

Antes que eu fechasse a bocca
Elle atirou sem demora...
Eu ahi neguei-lhe o corpo,
O tiro passou por fóra:
Eu disse Nicacio velho,
Juro pelo Evangelho:
—Perdeste um tiro agora...

Ahi lancei mão do riffe,
Puz em frente o pé direito
E disse, agora vou ver,
Se nossa luta tem feito,
Segure o ferro na mão,
Aperte seu centurão,
Que meu trabalho é bem feito.

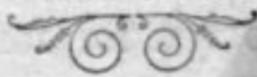
Quando os rapazes chegaram,
Ele já tinha morrido,
Ou o valente que tinha
Já eu o tinha lambido...
Ahi eu ganhei a feira,
Cobri tudo com poeira,
Quem não morreu foi ferido...

O capitão Zacharias,
Anda atraz de mim no matto,
Ainda agora, ha poucos dias,
Não morri devido a um gato...
E os soldados correrom,

Só se não me conheceram,
Ou eram filhos de rato...

Pois eu estava na fazenda
Do major Maracujá...
Faziam dous ou tres dias,
Que estava hospedado lá,
Vi a tropa, de repente
Botei o major na frente
E me escapuli por cá...

Para evitar isso tudo,
E' que quero fazer paz...
Se não bolirem commigo,
De mim ninguem soffre mais.
Mas se alguém me perseguir
E' como uma alma cahir
Nas garras de Satanaz.



1104



(LGB)